

EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR: INCLUSÃO SOCIAL PELA CAPOEIRA

Recebido em: 21/10/2007

Aceito em: 19/11/2007

Leandro Ribeiro Palhares
Departamento de Educação Física e Desportos
Universidade Federal do Acre
Rio Branco – Acre – Brasil

RESUMO: No mundo atual o esporte pode ser uma alternativa de inclusão social e educação. Neste contexto, a capoeira é capaz de favorecer a aquisição de valores culturais e educacionais e promover a inclusão social através do movimento, da arte e da música. Desta forma, o presente estudo sugere que a capoeira, enquanto manifestação cultural popular brasileira seja incorporada aos ambientes formais de educação, a exemplo das escolas e universidades.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira. Cultura. Educação.

EDUCATION AND POPULAR CULTURE: THE SOCIAL INCLUSION BY CAPOEIRA

ABSTRACT: Nowadays, the practice of sport can be an alternative way of social inclusion and education. In this context, capoeira can favor the acquisition of cultural and educational values and promote the social inclusion through movement, art and music. Therefore, this paper suggests that capoeira, a Brazilian popular cultural manifestation, would be incorporated in the environments of formal education (e.g. schools and universities).

KEYWORDS: Capoeira. Culture. Education.

O Esporte como meio de Educação e Cultura

Atualmente não se pode compreender qualidade de vida apenas como ausência de doenças, ou seja, em seus aspectos biológicos. Fatores sociais, culturais, econômicos,

familiares, educacionais, esportivos e psicológicos também devem ser agregados a este conceito (REIS, 2001) e discutidos sob uma perspectiva de interação. Através do acesso à educação e cultura, contextualizadas crítica e socialmente, o ser humano tem a possibilidade de explorar novas perspectivas de bem-estar e saúde, em seus aspectos bio-psico-sociais, para alcançar uma “melhoria das condições de vida no mundo atual” (ABIB, 2005, p.45).

Cultura e educação podem ser compreendidas como um conjunto de valores criados pelo ser humano ao longo do tempo que, vivenciados conjuntamente podem promover mudanças na sociedade. Neste momento cabe apontar as possibilidades de inclusão social através de cultura e educação. Tradicionalmente, se estabeleceu que cultura e educação promovem a aquisição de valores e regras para um bom convívio social. Para tanto, toda aquisição pressupõe a prática e o acesso a informações relativas a esta prática. Desta forma, pode-se analisar esta aquisição sob duas perspectivas: para a manutenção de um *status quo* socialmente instituído ou para romper as barreiras do “adestramento social” e auxiliar na formação de um “cidadão consciente, indivíduo com saber singular e universal, com responsabilidade política com o mundo e com seus semelhantes” (JÚNIOR; SOBRINHO, 2002, p.90). Assim, uma sociedade mais consciente e atuante pode favorecer o aumento qualitativo na produção cultural e nos níveis de educação, proporcionando o que denomino aqui de um “ciclo positivo” do desenvolvimento humano, em seus múltiplos aspectos (ex: social).

Dentro deste contexto, o esporte, entendido aqui como toda e qualquer cultura de movimento, se apresenta como um fenômeno social (TANI, 1997; VAGO, 1996) que pode contribuir para o estabelecimento de valores educacionais e culturais de maneira

motivante, prazerosa e viável. As ações necessárias a estas contribuições devem ser política e socialmente contextualizadas para que o sujeito não seja condicionado ao acomodamento, mas sim direcionado ao questionamento de seu papel atuante na sociedade. Baseado nesta perspectiva e considerando-se cultura e educação como fenômenos complementares e indissociáveis, as pessoas quando incluídas na prática esportiva podem tornar-se mais conscientes de sua responsabilidade social (JÚNIOR; SOBRINHO, 2002).

O esporte é capaz de promover a transmissão de valores como participar ou competir, vitória e derrota, persistência para atingir um objetivo, dedicação, valorizar a derrota como momento de aprendizado, respeitar a vitória do adversário, trabalhar e produzir em grupo, dentre outros que são responsáveis por integrar o ser humano em uma sociedade igualitária. Portanto, o esporte deve ser parte integrante no processo de desenvolvimento humano atuando como um vetor de disseminação de valores formativo-sociais (VAGO, 1996), sem se desvencilhar do contexto sócio-cultural e da realidade presente (FALCÃO, 1998).

Entretanto, se o esporte apresentar um conteúdo histórico e filosófico que se identifique com determinada sociedade e o legado de seu povo (REIS, 1997), esse processo de educação e inclusão social terá maior probabilidade de sucesso. No Brasil, o esporte que se apresenta com características de identificação histórico-social, principalmente com as camadas populares, é a capoeira (FALCÃO, 1998; FREITAS, 1997).

Capoeira: Manifestação Cultural Popular Brasileira

Ao longo do texto a capoeira será conceituada como manifestação cultural popular brasileira, pois ela “advem de uma classe social determinada no sistema econômico-social em que vivemos, no qual se pressupõe uma luta de classes” (SILVA, 2001, p.133). Sendo assim, a compreensão da capoeira como manifestação cultural popular requer o entendimento de sua origem e de sua trajetória histórica de transformações político-sociais.

Com o regime escravocrata os negros, sem muitas alternativas de sobrevivência, tiveram de se adaptar, processo conhecido como sincretismo cultural. Desta forma, surgiram novos elementos culturais, específicos àquela condição, tais como a capoeira. Assim, pode-se dizer que os negros se adaptaram proporcionando a emergência de uma luta que utilizariam para quebrar a ordem eminente.

Para Silva (2003) a capoeira permitiu aos escravos a luta por liberdade. Porém, com o fim da escravidão, a tão sonhada liberdade não veio acompanhada de igualdade de direitos e oportunidades (MELO, 1996). Com isso, o negro continuou a sofrer preconceitos, não tendo oportunidade de trabalho, de convívio social e de dignidade (CAPOEIRA, 1996). Assim, a maioria dos negros passou a sobreviver à margem da sociedade e, por conseqüência, todas as formas de manifestação cultural (ex: danças, cultos religiosos e a capoeira) também foram marginalizadas pela minoria social dominante.

O negro se valeu de sua luta para cometer delitos, como roubos, e servir a diferentes partidos políticos, como jagunços e capangas (CAPOEIRA, 1996; REIS, 1997, para maiores aprofundamentos nessa temática). Esta situação ficou tão crítica que, dois anos após a abolição da escravatura, a capoeira foi incluída no Código Penal

Brasileiro, através do Decreto nº 487, Capítulo XIII, como crime sujeito à prisão celular (ALMEIDA, 1994; SILVA, 1995). A partir de então, a capoeira passou a ser violentamente perseguida pela polícia, sendo praticamente exterminada em Recife, um de seus principais focos de manifestação à época. No Rio de Janeiro, então capital da República, a capoeira estava fortemente ligada à política através das maltas, grupos organizados compostos de negros, brancos oriundos de classes populares e membros da alta sociedade, que se valiam da capoeira para defender os interesses de partidos políticos. Devido a esta ligação, a capoeira carioca, apesar de também sofrer perseguição policial, conseguiu sobreviver. Em Salvador o processo de sobrevivência aconteceu por um viés diferente das outras duas capitais. A capoeira sobreviveu às perseguições devido a suas conotações lúdicas, associadas à cultura popular. A prática da capoeira era denominada pelos capoeiristas de “vadiação”. Para Sodré (2005), o termo vadiar se remete ao lúdico, a brincadeira, ao prazer, a espontaneidade e a criatividade. Assim, a capoeira daquela época, especificamente em Salvador, foi tida como a “mais pura, a mais próxima de suas origens e a menos influenciada pela modernidade [...] de formação de uma sociedade de classes” (VASSALLO, 2006, p.74). Assim, os velhos mestres da capoeiragem baiana foram associados a “guardiões de um saber popular” e ganharam adeptos e defensores nos meios artístico e intelectual da capital baiana.

Na década de 1930, a capoeira sofreu uma profunda transformação pelas mãos de um baiano chamado Manoel dos Reis Machado, conhecido nas rodas de capoeira por Mestre Bimba. Segundo Almeida (1994), ele agregou à capoeira tradicional, golpes de batuque (luta baiana que seu pai fora campeão), movimentos por ele criado (para

favorecer a objetividade da capoeira enquanto luta e defesa pessoal) e uma completa metodologia de ensino (seqüências pedagógicas), criando assim a capoeira regional.

O momento político era favorável às manifestações populares devido à política populista do Presidente Getúlio Vargas que, dentre outras atitudes, liberou a prática da capoeira. Aquele momento representou a retirada da capoeira da ilegalidade, excluindo-a do Código Penal e legitimando sua prática, que ficou condicionada a recintos fechados e com alvará de funcionamento expedido pela polícia (CAPOEIRA, 1996; VIEIRA, 1995). Assim, segundo Almeida (1994), Mestre Bimba foi o primeiro capoeirista a receber o título de professor de educação física e a ter uma academia de capoeira (Centro de Cultura Física Regional - CCFR). A capoeira tradicional, sem as modificações implementadas pelo Mestre Bimba, passou a ser denominada de capoeira angola (em homenagem aos negros escravos) e teve sua primeira academia (Centro Esportivo de Capoeira Angola – CECA) fundada no início da década de 1940 por Vicente Ferreira Pastinha, conhecido nas rodas de capoeira por Mestre Pastinha.

A prática da capoeira em recintos fechados (academias) e de maneira sistematizada (disciplina, critérios, uniforme, graduações, dentre outros), similar às lutas marciais, facilitou sua aceitação por parte das elites dominantes e conseqüente disseminação pelo país. Segundo Palhares (1999), a “primeira migração” da capoeira ocorreu quando os capoeiristas baianos vislumbraram melhores oportunidades de trabalho em São Paulo e no Rio de Janeiro e a “segunda migração”, foi o momento quando a capoeira se disseminou, principalmente a partir desses dois pólos, para o restante do Brasil.

Alguns autores defendem a tese que a capoeira regional foi uma “criação genial” de Mestre Bimba e revolucionou a prática da capoeira, contribuindo decisivamente para sua sobrevivência e disseminação, inclusive internacional (ALMEIDA, 1994; CAMPOS, 2000). Outros autores, porém, afirmam que a capoeira regional foi uma das responsáveis pelo “embranquecimento” da capoeira e complementam que este fato foi decisivo para a transformação da capoeira “de arte negra a esporte branco” (ex: FRIGERIO, 1989). Não cabe aqui uma reflexão mais profunda referente às causas e conseqüências do surgimento da capoeira regional e suas implicações para uma compreensão do papel da capoeira na sociedade (FRIGERIO, 1989; REGO, 1968, para maiores aprofundamentos). Entretanto, algumas considerações podem ser pontuadas a partir deste “embate epistemológico capoeirístico”:

1) Em vários momentos históricos (escravidão, monarquia, república, inclusão no Código Penal, dentre outros) a capoeira sempre foi tratada como símbolo de resistência, por se adaptar aos obstáculos impostos pela sociedade dominante (VASSALLO, 2006). No entanto, o único momento em que a capoeira “se deixou vencer” foi na criação da capoeira regional, quando ela teria sido manipulada pelo sistema capitalista vigente para promover seu “embranquecimento”. Será que esta mudança não teria sido mais uma adaptação político-social que a capoeira se permitiu para sobreviver ao mundo moderno capitalista? Ou será pelo fato que, de todos estes momentos de adaptação, a criação da capoeira regional foi o único em que se pode apontar um responsável (Mestre Bimba), situação que facilita o apontamento de críticas?

2) A capoeira regional foi disseminada no Brasil e por todo o mundo. É fato que durante este processo a capoeira perdeu parcialmente alguns de seus valores tradicionais,

tais como: transmissões orais dos seus saberes, dando lugar ao consumo de produtos que levam seu nome; os fundamentos, que segundo Silva (2001, p.138) são “o conjunto de conhecimentos relativos ao jogo da capoeira”, dando lugar à mecanização técnica e à “robotização” do jogo; e a malícia, que segundo Frigerio (1989, p. 86) é “a habilidade de surpreender o adversário [...] e evitar ser apanhado de surpresa pelo outro”, dando lugar à condição física e ao comportamento agressivo. Cabe aqui diferenciar o caráter de luta da capoeira do comportamento agressivo do capoeirista. A luta faz parte da cultura de movimento e da história da capoeira, pois se pode lutar capoeira, respeitando os fundamentos e princípios éticos da roda de capoeira. Já o comportamento agressivo se remete à ausência de controle emocional e desconhecimento dos fundamentos da capoeira. Estas alterações certamente obrigaram os capoeiristas a resignificarem sua prática, sendo que muitos foram “engolidos” pelas facilidades mercadológicas do sistema capitalista de consumo.

3) Por fim, é possível nos dias de hoje praticar e ensinar capoeira, seja angola ou regional, com todas as adaptações que ambas se permitiram e com suas especificidades sem a necessidade de comparações entre elas e muito menos de ataques recíprocos. Para tanto, quatro aspectos devem ser considerados: Quem está mediando a prática? Quem é o público-alvo? Qual é o ambiente? Qual a finalidade ou propósito pedagógico? Toda esta discussão se encerra (do ponto de vista dos “embates de egos” e não da discussão de idéias) na definição de capoeira de Vicente Ferreira Pastinha, o Mestre Pastinha: “capoeira é tudo aquilo que a boca come”.

Segundo Júnior, Abib e Sobrinho (2000), a capoeira vem adquirindo status pedagógico tornando-se um recurso lúdico e motivante para a inclusão social, cultural e

educacional. Na verdade, a capoeira apresenta algumas características inerentes à busca pelo prazer, tais como a brincadeira, o improviso, a “negaça” (tentativa de ludibriar o outro capoeirista) e os desafios musicais ritmados pelos instrumentos. Essas características conferem à capoeira uma conotação de lazer, um lazer dinâmico e construído por quem está “vadiando”, condição fundamental para um processo didático-pedagógico.

Silva (2003) ressalta que a legitimação da capoeira nos ambientes formais de ensino pode ser verificada nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) e nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998). Atualmente a capoeira está presente em currículos do ensino fundamental e médio, como componente da educação física escolar ou através de projetos sociais (SOUZA; OLIVEIRA, 2001; JÚNIOR; ABIB; SOBRINHO, 2000; FALCÃO, 1998) e no ensino superior, como disciplina dos cursos de Educação Física e Projetos de Extensão Universitária (CAMPOS, 2000; CAPOEIRA, 1996; SILVA, 1995).

A Capoeira como Proposta de Inclusão Social e Educação

Ao longo de mais de quatro séculos a capoeira vem se desenvolvendo em diversos aspectos (físicos, motores, musicais, sociais, folclóricos e fundamentos ritualísticos e filosóficos). De acordo com Frigerio (1989), a capoeira envolve elementos de arte, luta, folclore e esporte. A arte pode ser compreendida pelos aspectos musicais (cantar e tocar instrumentos), artesanais (confecção dos próprios instrumentos), teatrais (encenação, mandinga e indumentária). A luta envolve os golpes, esquivas, dinâmica de ataque e contra-ataque e a malícia. Ainda referente a este aspecto, a capoeira apresenta

uma característica particular, lutar sem a necessidade de contato físico com o outro capoeirista, ou seja, “o que se busca é o envolvimento, a atração do oponente” ou ainda “evitando o confronto direto, o capoeirista seduz o adversário [...] se não o vence, retira-se graças a esquivas” (SODRÉ, 2005, p.154). O aspecto folclórico da capoeira está presente em sua história, tradições e fundamentos, além dos folguedos folclóricos absorvidos pela capoeira: maculelê, puxada-de-rede e samba de roda. Por fim, a capoeira enquanto esporte pode ocorrer sob a forma de luta, inserida em um contexto competitivo com campeonatos, regras, escores, títulos e premiações ou em um contexto sociológico, como um símbolo de resistência das classes populares (FALCÃO, 1998; REIS, 1997).

Como toda manifestação cultural popular, a capoeira pode ser uma possibilidade não-formal de educação (REIS, 2001; SILVA, 2001) acarretando uma conseqüente aquisição de princípios e valores, “como a auto-estima, o respeito pelo outro, a solidariedade e a auto-superação” (ABIB, 2005, p.206). Por ser o legado de um povo, se faz necessária, cada vez mais, a implementação da capoeira em escolas, universidades, entidades sociais, projetos governamentais, dentre outros. Desta forma, a capoeira apresentar-se-ia como uma rica experiência cultural que pode contribuir no processo educacional, inclusive nos ambientes formais de ensino, devido aos seus saberes: rituais, musicalidade, “diálogos corporais” e fundamentos.

No ambiente escolar, através da capoeira, é possível a interação entre as diversas disciplinas que compõem o aprendizado, tais como a história, geografia, artes, educação física, música e português. Segundo Iório e Darido (2005), a capoeira no currículo escolar possibilita o desenvolvimento, principalmente, do tema transversal “pluralidade cultural”, destacando a valorização das diferenças, a formação multicultural brasileira e o

repúdio a todas as formas de preconceito. Da pré-escola ao ensino médio, a capoeira possibilita: 1) A elaboração de trabalhos de pesquisa e produção textual; 2) A organização de seminários referentes à leitura de reportagens de jornais e revistas; 3) A realização de trabalhos de expressão corporal e rítmico; 4) A encenação teatral de trechos da história da capoeira e da vida dos velhos mestres; 5) A montagem de coreografias de folguedos folclóricos, como a puxada-de-rede (encenação referente ao trabalho dos pescadores e suas famílias, entoada por cânticos de louvação e esperança), o maculelê (dança com bastões e figurinos indígena-guerreiros, que representa alguns rituais de uma tribo) e o samba de roda (tradição dos guetos que representa a alegria e malandragem do povo brasileiro); 6) A confecção de instrumentos musicais (berimbau, pandeiro e atabaque), inclusive utilizando material alternativo/reciclável; 7) A formação de grupos musicais, tipo fanfarras ou orquestras, com elementos da capoeira; 8) O envolvimento com o cantar, incluindo a produção de músicas; 9) A roda de capoeira, com seus rituais e fundamentos; 10) A realização de festivais culturais de capoeira, com a exposição do material produzido no decorrer das aulas (textos, músicas, instrumentos, peças teatrais e coreografias), além de cursos e palestras com mestres convidados. Especificamente sobre os festivais, Júnior, Abib e Sobrinho (2000) e Falcão (1998) relatam sua importância pedagógica e social. Os festivais também possibilitam a inserção dos demais membros da escola (professores e funcionários), familiares dos alunos e comunidade local.

No ambiente universitário é possível a associação da capoeira com o ensino, a pesquisa e a extensão. Academicamente a capoeira, especialmente vinculada ao Curso de Educação Física, pode ser desenvolvida: 1) Em projetos de extensão para diferentes

demandas sociais (crianças, pessoas com necessidades especiais, idosos, público convencional); 2) Como disciplina no currículo de Licenciatura, contribuindo para uma formação global e crítica dos futuros professores da pré-escola, ensino fundamental e médio; 3) Como disciplina no currículo de Bacharelado, proporcionando a contextualização dos recursos teóricos e práticos para aqueles que pretendem ou já trabalham com a capoeira; 4) Produção e publicação de conhecimento através de pesquisas, históricas e experimentais, relacionadas a diferentes possibilidades da Educação Física (comportamento motor, fisiologia do exercício, psicologia do esporte, história dos esportes, lazer, pedagogia do movimento, dentre outros); 5) Realização de simpósios/festivais onde as temáticas referentes a capoeira (histórico, atualidades, perspectivas e temas polêmicos) possam ser discutidas e ampliadas a outros setores da sociedade. Ainda no ensino superior, a capoeira como disciplina curricular ou eletiva pode contribuir para os estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação de outras áreas como Artes Cênicas, Danças, Educação Artística, Antropologia, Sociologia e História, devido à sua pluralidade cultural (IÓRIO; DARIDO, 2005).

Considerações Finais

A intenção deste ensaio foi discutir e compreender a capoeira enquanto manifestação cultural popular brasileira, bem como considerar suas riquezas históricas, corporais, musicais e filosóficas. A inclusão social é um processo no qual o indivíduo torna-se um membro da sociedade. Para tanto, é necessário ter acesso às diversas formas de manifestações culturais, especialmente as populares (devido a uma maior identificação

histórica e emocional), e uma educação que proporcione uma formação crítica e contextualizada.

Neste sentido, Pires (1996) afirma que a capoeira é um elemento produtor de sociabilidades e conflitos. Atualmente existem várias “capoeiras”, ou seja, diferentes formas de abordagem da capoeira. Para se promover à inclusão social, torna-se fundamental: ampliar os tempos e os espaços para a prática, promover o debate relacionando seus conteúdos históricos, culturais e técnicos e, especialmente, garantir a experiência de uma de suas características mais essenciais: a ludicidade. A experiência da capoeira, particularmente nos ambientes formais de ensino expressa a riqueza dos conteúdos culturais do lazer, desenvolvendo em seus praticantes a possibilidade de criar, brincar, sorrir, “negacear” enfim, vadiar. Desta forma, a capoeira se torna um elemento dinâmico de produção (e não apenas de reprodução) de cultura. Assim, a capoeira tem o potencial de promover a inclusão social, contribuindo para uma preparação ampla e crítica para o convívio social “nas voltas que o mundo dá”.

Referências

- ABIB, P. *Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. Salvador: EDUFBA, 2005.
- ALMEIDA, R.C.A. *A saga do Mestre Bimba*. Salvador: P&A, 1994.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília, 1998.
- CAMPOS, H.J.B.C. Capoeira na universidade. *Revista Baiana de Educação Física*, Salvador, v. 1, n. 3, p. 15-23, 2000.
- CAPOEIRA, N. *Capoeira: os fundamentos da malícia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FALCÃO, J.L.C. Capoeira. In: CARDOSO, L.C.; KUNZ, E. (Org.) *Didática da Educação Física*, Ijuí: Unijuí, 1998.

FREITAS, J.L. *Capoeira infantil: a arte de brincar com o próprio corpo*. Curitiba: Expoente, 1997.

FRIGERIO, A. Capoeira: de arte negra a esporte branco. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 10, p. 85-98, 1989.

IÓRIO, L.S.; DARIDO, S.C. Capoeira. In: DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. *Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

JÚNIOR, L.V.C.; ABIB, P.R.J.; SOBRINHO, J.S. Capoeira e os diversos aprendizados no espaço escolar. *Revista Motrivivência*, Florianópolis, n. 14, p. 159-171, 2000.

JÚNIOR, L.V.C.; SOBRINHO, J.S. *O ensino da capoeira: por uma prática nagô*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas*, v. 23, n. 2, p. 89-103, 2002.

MELO, A.S. “Esse nego é o diabo, ele é capoeira” ou da motricidade brasileira. *Revista Discorpo*, São Paulo, v. 6, p. 29-39, 1996.

PALHARES, L.R. *Buscando a trajetória histórica da capoeira: dos navios negreiros à capital mineira*. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

PIRES, A.L.C.S. *A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

REGO, W. *Capoeira angola: um ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapuã, 1968.

REIS, A.L.T. *Brincando de capoeira: recreação e lazer na escola*. Brasília: Valcy, 1997.

REIS, L.V.S. *O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

REIS, A.L.T. *Educação física e capoeira: saúde e qualidade de vida*. Brasília: Thesaurus, 2001.

SILVA, G.O. *Capoeira: do engenho à universidade*. São Paulo: CEPEUSP, 1995.

SILVA, P.C.C. Capoeira e educação física: uma história que dá jogo... primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 23, n. 1, p. 131-145, 2001.

SILVA, J.A.B. *Importância da capoeira no desenvolvimento da cultura corporal na educação infantil*. 2003. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino da Educação Física Escolar) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2003.

SODRÉ, M. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SOUZA, S.A.R.; OLIVEIRA, A.A.B. Estruturação da capoeira como conteúdo da educação física no ensino fundamental e médio. *Revista da Educação Física da UEM*, Maringá, v. 12, n. 2, p. 43-50, 2001.

TANI, G. Esporte e técnica. In: TAMBUCCI, P.L.; MARIZ DE OLIVEIRA, J.G.; SOBRINHO, J.C. *Esporte e jornalismo*. São Paulo: CEPEUSP, 1997. p.33-38.

VAGO, T.M. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 4-17, 1996.

VASSALLO, S.P. Resistência ou conflito? O legado folclorista nas atuais representações do jogo da capoeira. *Campos*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 71-82, 2006.

VIEIRA, L.R. *O jogo da capoeira: cultura popular no Brasil*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

Endereço do Autor:

Leandro Ribeiro Palhares
Universidade Federal do Acre – Departamento de Educação Física e Desporto
Campus Universitário Reitor Áulio Gélío Alves de Souza
BR 364, Km 4 – Distrito Industrial
69915-900 – Rio Branco / Acre
Endereço Eletrônico: leandro_palhares@yahoo.com.br